



ATOS DE ESCRITURA

verbos de ação como potência criativa nas pesquisas em artes;
relato de experiência

ACTOS DE ESCRITURA

acción verbos como poder creativo en las encuestas en las artes;
estudios de caso

WRITING ACTS

verbs of action as creative power in the research in arts;
story of experience

Ivone Maria Xavier de Amorim

RESUMO

Este artigo intitulado *Atos de escritura – verbos de ação como potência criativa nas pesquisas em Artes; relato de experiências*, objetiva divulgar processos metodológicos desenvolvidos na disciplina Atos de Escrita ofertada no programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade Federal do Pará – UFPA, por intermédio de verbos de ação como prática criadora-reflexiva no ato da escrita dissertativa. O exercício metodológico utilizado propiciou experimentações significativas no campo de escrituras propositivas em diálogo com interfaces epistêmicas das artes e outras vertentes epistemológicas das ciências das humanidades.

PALAVRAS-CHAVE: Artista, Criar, Escrever, Ficcionalizar

RESUMEN

Este artículo actúa de verbos de acción escritura como poder creativo en las encuestas en las artes; Informe de experiencias tiene como objetivo difundir procesos metodológicos desarrollados en los actos de disciplina de la escritura en la maestría en Artes de la Universidad Federal de Pará – UFPA, a través de verbos de acción como práctica creativa reflexiva en el acto de escritura disertiva. El ejercicio proporcionó importantes ensayos usaron campo metodológico de escrituras en diálogo con interfaces epistémica propositivas de las artes y otros aspectos epistemológicos de la ciencia de las humanidades.

PALABRAS CLAVE: Artista, crea, escribe, Ficcionalizar

ABSTRACT

This intitled article *Acts of writing - action verbs as creative power in the research in Arts; story of experiences*, objective to divulge metodológicos processes developed in disciplines Acts of Writing offered in the program of After-Graduation in Arts of the Federal University of Pará – UFPA, for intermediary of action verbs as practical creator-reflexiva in the act of the dissertativa writing. The used metodológico exercise propitiated significant experimentations in the field of propositive Holy Writs in dialogue with epistêmicas interfaces of the arts and other epistemológicas sources of sciences of the humanities.

KEYWORDS: Artist, To create, Escribir, Ficcionalizar

Atos de Escrita se configura como disciplina optativa no programa de Artes- PPGARTES, da Universidade Federal do Pará –UFPA. Sua Ementa propõe o ato de escrever como prática criadora-reflexiva entrelaçando idéias, materialidades e multiplicidades de linguagens. Constitui-se em acontecimento apropriativo pelo exercício da reflexão – o poetar/pensar – pela via do atravessamento do sujeito pesquisador com o fenômeno investigado/inventado. O exercício metodológico proposto estimula experimentações de escrituras propositivas (verbais, visuais, sonoras, cênicas) nas interfaces epistêmicas das artes com as demandas epistemológicas (políticas) da contemporaneidade.

É fato que os programas de pós-graduação em Artes existentes nas Universidades brasileiras são recentes em se comparando com outros programas de pós-graduação das áreas de conhecimento das ciências das humanidades – sociologia, antropologia, história, dentre outras. E neste percurso de manutenção e legitimação desta área de saber acadêmico, as pesquisas realizadas, em um primeiro momento, privilegiaram usos de métodos advindos do modelo cartesiano/positivista como modelo de pesquisa válido, posto ser adotado como base referencial na produção de conhecimento nas ciências das humanidades. Assim, a linguagem impessoal, o distanciamento entre pesquisador e objeto, o trato nos dados empíricos passou a se constituir em orientação normativa.

Nestas primeiras pesquisas, a relação entre objeto e pesquisador foi marcada pelo critério da objetividade, onde somente ao objeto foi dado o poder de fala, de manifestação. E o pesquisador aparece como responsável por “dar passagem” ao objeto, mensurando-o, quantificando-o e indicando os resultados dessa análise milimetricamente elaborada sobre o tema investigado. Paralelo a essas pesquisas de caráter marcadamente objetivista, outras começam a emergir centrando a abordagem em paradigmas teóricos e metodológicos que passam a privilegiar um olhar mais subjetivo, dando vazão ao processo criativo da pesquisa em artes, em suas múltiplas linguagens.

É exatamente neste momento que o programa de pós-graduação em Artes da UFPa se insere. O programa compreende que a produção de conhecimento sobre Artes e suas linguagens na academia não difere da criação, dos processos poéticos criativos existentes em espaços não acadêmicos. Todavia, entre os dois há uma diferença de monta; as pesquisas realizadas no meio acadêmico requerem um enquadramento adequado às normatizações técnicas postas na ABNT, uso de métodos de investigação que permitam compreender o movimento que o objeto investigado desenvolve no processo de realização da pesquisa. É esse rigor no trato das fontes que permite às pesquisas em Artes o reconhecimento do saber acadêmico. É também no diálogo constante entre as abordagens objetivas e subjetivas, no ajustamento de métodos de pesquisa tradicionais a novos pressupostos metodológicos que surgem como resultados das primeiras pesquisas realizadas neste Programa de Pós-Graduação que a produção de conhecimento sobre a área das Artes em suas distintas linguagens se expande.

Os Verbos de ação e seus desdobramentos nas pesquisas em artes

No ano de 2018 a disciplina Atos de Escritura foi ofertada no primeiro semestre à turma de mestrado. Seu objetivo primeiro foi o de estimular o processo criativo da escrita dissertativa através de verbos de ação em diálogos com epistemologias no campo das Artes e com aquelas advindas das ciências das humanidades. Os verbos de ação acionados nos encontros foram compreendidos como potência criativa para o pensamento espiralado, o pensamento-ação que concentra o objeto no centro da espiral e, no movimento de expansão, permite acionar palavras-chave indutoras no processo de execução da pesquisa movente. Ao todo, oito verbos foram acionados, a saber: teorizar, criar, ler, pesquisar, processar, ficcionalizar, artistar e escrever, obedecendo a lógica do pensamento espiralado em íntima relação com o processo criativo da escrita.

O primeiro verbo acionado foi o *Teorizar*. O movimento acionado para a compreensão deste verbo de ação na pesquisa em Artes partiu de

definição etimológica da palavra teoria, como o conjunto de princípios fundamentais de uma arte ou de uma ciência. Para a *Ciência*, a definição de *teoria científica* difere bastante da acepção de *teoria* no senso comum, que a compreende como simples especulação sobre algo ou alguma coisa. Já o conceito moderno de *teoria científica* estabelece-se, entre outros, como uma resposta ao problema da demarcação entre o que é efetivamente científico e o que não o é. Na filosofia, *teoria* é o conjunto de conhecimentos que apresentam graus diversos de sistematização e credibilidade, e que se propõem a elucidar, interpretar ou explicar um fenômeno ou acontecimento que se referem à atividade prática. Já no campo das Artes, a *teoria* tem por objetivo explicar a natureza da obra de arte (teatro, pintura, poesia, literatura, música, dança, cinema, fotografia, escultura, história em quadrinhos, jogos de computador e de vídeo, arte digital).

Louis Althusser, na obra *Sobre o Trabalho Teórico* (1978:32), definiu o *Discurso Teórico*, como “um discurso que tem por efeito o conhecimento de um objeto”. Todo discurso teórico procura realizar, em última análise, o conhecimento “concreto” desses objetos, quer na sua individualidade, quer nos modos dessa individualidade. E esse conhecimento é *sempre* o resultado de todo um processo de produção teórica. No *discurso teórico*, as palavras e expressões compostas funcionam como *conceitos teóricos*: quer dizer que o sentido das palavras está nele fixado, não pelo seu uso corrente, mas sim pelas relações existentes entre os conceitos teóricos no interior do seu sistema teórico. “São estas relações — escreve Althusser (1978:36) — que atribuem às palavras, que designam conceitos, o seu *significado teórico*”.

O verbo de ação *teorizar* estabelece a conexão entre os elementos teóricos e os elementos empíricos no processo de execução da pesquisa. Quando acionado no sentido de *explicar*, seus sinônimos como: adestrar, amestrar, doutrinar, instruir, pontificar, o movimento teórico acionado busca manter diálogo com epistemologias de caráter positivistas, como por exemplo, o funcionalismo, estruturalismo e marxismo. No entanto, quando o verbo *teorizar* é acionado no sentido de *analisar*, os sinônimos como: averiguar, estudar, examinar, explorar, indagar, investigar se dilatam ao

encontro de epistemologias não cartesianas como o pós-estruturalismo e suas derivações, interpretativismo, fenomenologia, hermenêutica, semiótica. Na mesma proporção, quando o sentido atribuído ao ato de *teorizar* assume a dimensão de *compreender*, o movimento de base aciona a subjetividade do pesquisador em seu diálogo constante com o objeto, posto que, compreender como potência poética no processo da pesquisa tenciona o fluxo do *abarcар em si mesmo; carregar em sua essência; incluir ou abranger-se*.

O segundo verbo acionado foi o *criar*, cuja definição diz de: *Provocar a existência de; fazer com que alguma coisa seja construída a partir do nada; fazer existir; formar, gerar; compor na mente; conceber ou inventar*. Os sinônimos que aparecem colados ao *criar* são: *estabelecer, causar, inventar, imaginar, conceber, compor, gerar, fabricar, produzir*. O verbo em questão agrega em si três significados; o primeiro, no sentido de *dar existência e origem*, trazendo consigo os verbos *gerar, conceber, formar, originar, parir*; o segundo, na definição de *dar origem, produzindo*. Nesta proposição, os verbos acionados são: *produzir, fazer, fabricar, elaborar*; o terceiro sentido atribuído ao verbo *criar* é o de *formular no pensamento*, e neste movimento, aciona as potências verbais de: *inventar, imaginar, idear, idealizar, elaborar, tecer, tramar, engendrar, arquitetar, formular, urdir, armar*.

O movimento de dobradura a partir do verbo de ação *criar* permite aproximá-los aos campos das teorias cartesianas e não cartesianas. Quando a potência do ato de *criar* assume os sentidos de *estabelecer* (tornar-se regulável; estável, estabelecer-se); de *compor* (da forma, modelar); de *fabricar* (produzir algo a partir de matérias-primas, manufaturar, executar a construção de; construir, edificar); de *produzir* (dar origem a, ser fértil; fornecer, criar bens e utilidades para satisfazer as necessidades humanas, fabricar, manufaturar), esses verbos colam com precisão nas abordagens teóricas cartesianas, as metateorias como: positivismo, funcionalismo, estruturalismo, marxismo, interpretativismo, semiótica. Neste campo teórico, os verbos de ação acima descritos garantem no campo metodológico o dualismo entre sujeito e objeto.

Quando o movimento atribuído ao verbo de ação *criar* aproxima-o dos sentidos de *inventar* (descobrir, criar – algo que não havia concebido-fabricar; elaborar mentalmente, urdir, arquitetar); de *imaginar* (tornar a imagem mental de algo, idear, descobrir, criar, inventar); de *conceber* (dar à luz, gerar, ser fecundado –por-, engravidar –de-); de *gerar* (dar existência a, fazer nascer, procriar, brotar, germinar), o campo semântico permite um diálogo com teorias mais flexíveis como a Fenomenologia, o Pós-Estruturalismo e os Estudos Culturais e também com as micro teorias de Gilles Deleuze (Cartografia) Edgar Morin (Teoria da Complexidade), Boa Ventura de Souza Santos (Ecologia de Saberes), Humberto Maturana (Biologia do Conhecer). Neste sentido, os verbos de ação que se movem em direção às epistemologias não cartesianas, provocam fricções capazes de firmar os limites das teorias cartesianas e ao mesmo tempo, apontar suas limitações no campo das pesquisas em artes.

O terceiro verbo de ação foi o *ler*, cujo significado refere-se a dois movimentos, o primeiro, do ato de percorrer com a visão (palavra, frase, texto), decifrando-o por uma relação estabelecida entre as sequências dos sinais gráficos escritos e os significados próprios de uma língua natural; e o segundo, ter acesso a (texto, obra etc.) através de sistema de escrita, valendo-se de outro sentido que não o da visão. O verbo de ação *ler* deriva da palavra *leitura* que significa o ato de ler algo. É o hábito de ler originalmente com o significado de "eleição, escolha, leitura". Também se designa por leitura a obra ou o texto que se lê. A leitura é a forma como se interpreta um conjunto de informações (presentes em um livro, uma notícia de jornal, etc.) ou um determinado acontecimento. A leitura é, portanto uma interpretação pessoal. No campo dos sinônimos, o verbo *ler* pode ser compreendido a partir de quatro proposições: 1) como *ato de decifrar a escrita*, com os seguintes verbos: decodificar, reconhecer, decifrar, identificar; 2) como *ato de interpretar a escrita*, acionando os seguintes verbos: captar, apreender, compreender, interpretar, entender; 3) como ação de *enunciar em voz alta*, cujos verbos são: pronunciar, proferir, declamar, articular, recitar, enunciar; e 4) como exercício de *percorrer com a visão*, cujo

ato permite acionar os seguintes verbos: percorrer, manusear, compulsar, consultar, folhear.

A segunda proposição do verbo *ler* como ato de *interpretar a escrita* coloca em pauta a ação de *interpretar* como potência investigativa do Interpretativismo Cultural do antropólogo americano Clifford Geertz (1926-2006). Geertz (1989) compreende a etnografia como “descrição densa”, que visa à compreensão dos símbolos sociais. Através de um trabalho de campo de peneira do material empírico, o pesquisador pode analisar as dimensões simbólicas da ação social na arte, na religião, na ideologia, na ciência, na moralidade, nas leis, nos costumes. Assim, o pesquisador constrói suas interpretações e estas podem ser elaboradas de diferentes maneiras. Para este autor, a etnografia não deve ser elaborada à luz de uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa em busca de significados. A tese da etnografia densa de Clifford Geertz principia na defesa do estudo ancorado nas seguintes questões: “quem as pessoas de determinada formação cultural acham que são, o que elas fazem e por que razões elas crêem que fazem o que fazem” (1989:37). A antropologia interpretativa busca os sentidos/significados a partir da ótica do “nativo”, ou seja, àqueles sujeitos que produzem artes, saberes e fazeres e que se assumem como autoridade para falar de tais questões.

Já a terceira proposição do verbo *ler* como ação de *enunciar em voz alta*, evidencia a potência do verbo *enunciar* com os sentidos de expor, exprimir, declarar por escrito ou oralmente (pensamentos, idéias, etc.). No campo epistemológico, o termo *enunciado* se constitui na palavra-chave da obra “Ordem do discurso” (1970), de Michel Foucault. De acordo com esse autor, é o enunciado que possibilita dizer se há ou não uma frase, uma proposição ou um ato ilocutório. É ele que está – em um nível diferente dessas unidades – permitindo ou não sua existência. Como função de existência, necessariamente o enunciado não existe sozinho, mas precisa ser correlacionado com outros enunciados. Ele cruza verticalmente domínios de estruturas, signos e conteúdos concretos nas dimensões do tempo e espaço. O Enunciado é, portanto, a marca do discurso, que por sua vez, se constitui

na materialização de ideologias, posto que possa mascarar verdades, suplantar verdades, garantir posições. Também o discurso simboliza o poder e o coloca como objeto desejado.

O quarto verbo de ação trabalhado foi o *pesquisar*, compreendendo-o como um conjunto de ações que visam à *descoberta de novos conhecimentos* em uma determinada área. No meio acadêmico, a pesquisa é um dos pilares da atividade universitária, em que os pesquisadores têm como objetivo produzir conhecimento para uma disciplina acadêmica, contribuindo para o avanço da ciência e para o desenvolvimento social. No caso específico da pesquisa em Artes, discutir o verbo de ação *pesquisar* é acionar a compreensão de que essa ação investigativa parte de um processo criativo e o campo investigado – as artes – atribui à pesquisa uma condição de movência, ou seja, de pesquisa-movente.

A palavra pesquisa deriva do termo em latim *perquirere*, que significa "procurar com perseverança". O movimento de dobradura da palavra aciona os seguintes sinônimos: *sondar, tatear, perquirir, esquadrinhar, escrutar, buscar, aprofundar, escarafunchar, deslindar, perguntar, interrogar, inquirir, percorrer, esmiuçar, farejar, apurar, procurar, catar, auscultar, escavar, cavar, observar, investigar, indagar, explorar, examinar, estudar, averiguar, analisar, afundar*.

A partir do verbo de ação *pesquisar* é possível dimensionar a noção de *pesquisa científica* como um processo metódico de investigação, recorrendo a procedimentos científicos para encontrar respostas para um *problema*. Neste sentido, a pesquisa é o procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos *problemas* que são propostos. A pesquisa desenvolve-se por um processo constituído de várias fases, desde a formulação do problema até a apresentação e discussão dos resultados. Também este verbo de ação permite compreender que só se inicia uma pesquisa se existir uma *pergunta*, uma dúvida para a qual se quer buscar a resposta. O manuseio deste verbo permite, sobretudo, perceber a dimensão, limites e alcances no campo das investigações em Artes em suas múltiplas linguagens.

O quinto verbo de ação acionado foi *processar*. A etimologia da palavra é composta da somatória de *processo* + *ar*. *Processo* compreende *ação continuada, realização contínua e prolongada de alguma atividade; seguimento, curso, decurso*. O *ar* é *fluido gasoso que forma a atmosfera, constituído principalmente de nitrogênio (78 %) e oxigênio (21 %)*. *Espaço que circunda a superfície terrestre; atmosfera*. No campo das pesquisas em Artes, o *ar* é o elemento que na linguagem age diretamente ligado à imaginação poética. Para Bachelard (2001: 69), o *ar* [...] é o único elemento que somente pode ser percebido pelo movimento, logo é a própria essência do movimento”. É o elemento que age diretamente ligado à imaginação poética, a poética do movimento, que sustenta a pesquisa-movente no campo das artes.

O movimento de alargamento do verbo *processar* aciona os seguintes sinônimos: *autuar, demandar, conferir, verificar, acionar*. Especificamente em relação ao termo *verificar*, ao ser acionado como transitivo direto, aponta para o exercício de *indagar ou examinar a veracidade de; averiguar, investigar*, e também para *fazer a confirmação ou a prova de; corroborar, confirmar, comprovar*. Desta feita, o verbo de ação *verificar* se ajusta a vários métodos de investigação como a etnografia; etnocenologia; cartografia. Quando o movimento de dobradura efetuado no verbo em questão é no sentido de *acionar*, como *fazer agir; pôr em ação; fazer funcionar, trabalhar ou desempenhar uma atividade* ou no sentido de *pôr em prática; permitir ou fazer com que algo se realize*, ele – o verbo – se ajusta a métodos que descrevem/detalham *processos criativos; abordagens de processos; estética da criação*.

Neste caminho experimental de ajustes de saberes para a composição de campos investigativos, o verbo *projetar* foi o sexto acionado. Constituem-se em significados deste verbo de ação: *Atirar-se à distância, arremessar(-se), lançar(-se)*. *Estender-se para fora; formar saliência(s); planejar; formar o desígnio de: projetar uma viagem. Fazer passar (filmes, slides, gravuras)*. *Figurar ou representar por meio de projeções*. A etimologia deste palavra vêm do latim *Projectare*, de *projectum*, “algo lançado à frente”, de *projicere*, formado por *pro-*, “à frente”, + *jacere*, “lançar, atirar”. Neste

exercício de alargamento dos verbos de ação, encontramos trinta e dois sinônimos de *projetar* com cinco sentidos diferentes. O primeiro, no sentido de *atirar para longe* (*jogar, precipitar, arremessar, arrojar, atirar, lançar*), o segundo, de *incidir* (*estirar-se, prolongar-se, alongar-se, estender-se, cair, incidir*), o terceiro, de *dar fama* (*salientar, notabilizar, distinguir, afamar, celebrar*), o quarto, de *desenhar planta ou projeto* (*plantear, desenhar, riscar, traçar, esboçar, arquitetar, bosquejar, delinear*) e o quinto e último, no sentido de *idealizar* (*idealizar, imaginar, programar, maquinar, idear, planejar, planejar*). Quando se assume o sentido de *saliências* como resultante do verbo de ação *salientar*, *projetar* abre espaço para compreender na pesquisa-movente, os sinais das *dobras* na investigação. Neste caso, as *dobras na pesquisa* são sinuosidades, ondulações que emergem na investigação a partir de seu eixo central – objeto de investigação e o fator preponderante para a percepção das *dobras* na pesquisa é o tempo que diz, informa, do nível de envolvimento do pesquisador com seu objeto. Nas pesquisas-moventes, existem dois tipos de *dobras*; as internas e externas. As primeiras dizem respeito aos possíveis desdobramentos que emergem do próprio objeto, e as segundas, dizem respeito ao diálogo que o objeto mantém com outras áreas das artes (literatura, poesia, música, pintura). Em Deleuze (2010), a imagem da *dobra* emerge como flexão da força, do fora, do poder.

O sexto verbo trabalhado, *ficcionalizar* propõe despertar na escrita da pesquisa, os modos de existência emergentes no diálogo com o objeto investigado, dando vazão às micro ações poéticas acionadas no campo de construção da escritura.

O verbo de ação *ficcionalizar* é derivativo da palavra *ficcionalização*, entendida como ação ou resultado de *ficcionar*, de apresentar ou abordar algo como ficção. Os sinônimos que emergem deste verbo são: *criar, imaginar, simular, fingir, sonhar, iludir, devanear, inventar, fabular*. Especificamente em relação ao verbo *devanear*, aparece o sentido de *conceber na imaginação; sonhar*.

Para compreender a *ficcionalização* na escrita acadêmica, mais especificamente no campo da pesquisa em artes, é imprescindível acionar Geertz (1989), quando afirma que o pesquisador deve interpretar os fenômenos da *teia de significados*, tentando apreender o que eles significam para a comunidade investigada. Geertz diz:

O conceito de cultura que eu defendo (...) é essencialmente semiótico. Acreditando, como Max Weber, que o homem é um animal amarrado a teia de significados que ele mesmo teceu, assumo a cultura como sendo essas teias e a sua análise; portanto, não como uma ciência experimental em busca de leis, mas como uma ciência interpretativa à procura do significado (1978: 15).

Para Geertz (1989), os textos antropológicos são interpretações de "segunda e terceira mão", pois apenas um nativo pode fazer interpretações em primeira mão. Assim os textos acadêmicos são ficções, algo construído, "modelado", fabricado, imaginado.

Quando o verbo de ação *ficcionalizar* é acionado como potência devaneante, o sinônimo *devanear* encontra amparo na profunda produção teórica de Bachelard, sobretudo no grupo teórico que compõe seu acervo de obras *noturnas* (A Psicanálise e o Fogo, A Água e os Sonhos, O Ar e os Sonhos, A Terra e os Devaneios da Vontade, a Poética do Devaneio, a Poética do Espaço). Sobre essas obras, Bachelard diz: "demasiadamente tarde, conheci a boa consciência, no trabalho alternado das imagens e dos conceitos, duas boas consciências, que seria a do pleno dia e a que aceita o lado noturno da alma". (BACHELARD, 1988, p. 52)

Nas obras de caráter filosófico, Bachelard critica o vício da "ocularidade" que caracteriza a cultura ocidental, tendente a privilegiar a *causa formal* em detrimento da causa material que o processo da pesquisa, em muitas vezes trás à tona. O vocabulário científico e filosófico utilizado pelo autor como: "Evidência"; "Intuição"; "Visão de mundo" revelam a noção do conhecimento como extensão da visão. Neste caso, a *Imaginação Material* para ele é manifestada no terreno da poesia, do devaneio. As imagens materiais — aquelas que fazemos da matéria pesquisada — são eminentemente ativas e como atividade essencialmente transformadora, movida pela vontade de trabalho do pesquisador.

O sétimo verbo de ação usado como propositivo reflexivo foi o *artistar*, cujo significado diz do *ato* ou *estado* do pesquisador-artista. Os sinônimos deste verbo de ação são: *atuar, interpretar, criar, operar, dissimular, fingir, trapacear, enganar*.

O verbo de ação *artistar* busca impor no ato da escrita, criar um estilo próprio, ou seja, descobrir como o objeto investigado deseja ser descrito. Para esta ação, alguns critérios são importantes, como: *estar aberto* – na pesquisa “só sei que nada sei” – Neste momento é importante traçar quadros que demonstrem o plano de ignorância (o que *não sei* sobre o objeto) e o plano de conhecimento (o que *penso que sei* sobre o objeto). O segundo critério diz respeito ao plano da *ética com a fonte* (primárias, secundárias e terciárias). O terceiro refere-se às *relações estéticas* que ocorre na relação entre sujeito-pesquisador e objeto da pesquisa, posto que, a estética reinventa a sensibilidade do sujeito. No processo da pesquisa, vivenciar relações estéticas significa desenvolver maior afetividade, reflexão e imaginação, necessárias para a objetivação em produções criadoras que possibilitam ao seu autor assumir um novo compromisso ético tanto com seu produto quanto com a sociedade. Neste sentido, a relação estética impulsiona processos criadores que estão atrelados à vida cotidiana.

É também através do verbo *artistar* que se torna possível refletir sobre as relações estéticas no processo da pesquisa, sobretudo em relação à escrita, ao texto performance, uma vez que o pesquisador-artista se torna capaz de enxergar muito além de sentenças que compõem um texto; é também capaz de compreender o escrito como uma produção inserida em um determinado contexto histórico-cultural, mobilizador de lembranças, sensações e afetos que lhe permitem um contato diferenciado com o texto.

O oitavo e último verbo de ação foi o *escribir*, potência criativa da palavra *escrita*, cujo significado é *representar pensamento e palavra por meio de sinais convencionais; aquilo que se escreve; modo pessoal de expressão escrita – estilo; (visual, oral ou escrita)*. A palavra *escrita* deriva do latim *scripta* que designa *coisas escritas*. Assim, *caligrafar, escrever, escriturar*,

estilo, redação, escrito, artigo, escrevedura, aparecem neste texto como sinônimos do verbo de ação *escribir*.

O ato da escrita é um exercício da ordem das subjetividades humanas. Constitui-se em característica pessoal, uma espécie de identidade do autor. Todavia, o processo de construção de uma escrita acadêmica deve, obrigatoriamente, obedecer às normas da ABNT, o que não significa dizer que exista um único estilo para a escrita acadêmica. Ao contrário. O resultado das pesquisas realizadas no programa de Pós-Graduação em Artes da UFPA permite observar a flexibilidade e criatividade dos pesquisadores-artistas na composição de suas dissertações e teses. Boa parte delas estão escritas na primeira pessoa, o que coloca o pesquisador-artista como condutor a ligar suas experiências de vida com o objeto investigado e também com os autores-teóricos acionados nos diálogos reflexivos. Muitas dessas escritas, em seus atos poéticos, acionam outros campos do saber como a poesia, a literatura, cinema, pinturas, desenhos, como rica potência na costura de conceitos que passam a dar sentido às idéias defendidas no interior destes textos.

O uso do verbo *escribir* deve permitir o uso de uma racionalização aberta, no sentido atribuído ao termo por Edgar Morim (2009), qual seja, o de permitir ao pesquisador-artista, sentir as paixões, a vida e a carne dos seres humanos que se entrelaçam no objeto investigado. E neste jogo, o uso da racionalização aberta deve permitir juntar coisas que estavam (aparentemente) separadas.

Assim, os verbos de ação acionados como potência criativa na disciplina Atos de Escrita propôs estabelecer conexões entre estes e seus respectivos movimentos no campo da pesquisa. O Verbo *teorizar* provocou nos alunos-pesquisadores a possibilidade de composição dos planos de ignorância e de conhecimento em relação ao objeto investigado. O verbo *criar* foi acionado como indutor *ao plano dos territórios espiralados da pesquisa*. Já o verbo *ler*, apareceu como potência na construção do *plano de imanência e plano de composição* dos caminhos/percursos da pesquisa. No verbo *pesquisar* o exercício metodológico adotado permitiu aos alunos-

pesquisadores a construção do *plano de forças da pesquisa*. Por sua vez o movimento que os levou *das forças da pesquisa ao plano de expressividade* foi acionado através do verbo *processar*. No *projetar*, a intenção foi alcançar os *processos expansivos da pesquisa*. O verbo de ação *ficcionalizar* permitiu aos envolvidos no processo criativo alcançar os *modos de existência* e o *campo das micro ações poéticas* contidos no campo investigativo. O verbo *artistar* deu a materialidade necessária para o *plano de escrita dos Verbetes* e, por fim, o *escribir*, garantiu a *qualidade dos Verbetes* no diálogo com pensamentos poéticos e a poesia pensante.

* * *

REFERÊNCIAS

- ALTHUSSER, Louis. **Sobre a Reprodução**. São Paulo: Editora Vozes, 1978
- BACHELARD, Gaston. **A Poética do Espaço**. São Paulo: Martins e Fontes, 1988.
- _____. **A Poética do Devaneio**. São Paulo: Martins e Fontes, 2001.
- DELLEUZE, Gilles & GUATARRI, Félix. **O Anti-Édipo. Capitalismo e esquizofrenia**. São Paulo: Editora 34, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de Dezembro de 1970. São Paulo: edições Loyola, 1998.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1989.
- MORIN, Edgar. **Introdução ao pensamento complexo**. Epistemologia e Sociedade. São Paulo, Instituto Piaget, 2009.

Recebido em março de 2020.

Aprovado em abril de 2020.

Publicado em junho de 2020.